

SEQUÊNCIA 2

A Cidade de Ulisses

Uma cidade construída pelo nosso olhar, que não tinha de coincidir com a que existia. Até porque também essa não existia realmente, cada um dos dez milhões de portugueses e dos milhões de turistas que por ela andavam tinha de Lisboa a imagem que lhe interessava, bastava ou convinha. Não havia assim razão para termos medo de tocar-lhe, podíamos (re)inventá-la, livremente.

No entanto a nossa vida não girava como é óbvio em volta da cidade, mas em volta de nós. Como toda a gente vivíamos o dia a dia, recolhendo impressões e sensações, por vezes sem quase dar por isso.

[...]

Mas no instante seguinte já teríamos esquecido tudo isso, vivíamos à pressa, como toda a gente.

Lisboa era um pano de fundo, em geral desfocado porque a nossa atenção se dirigia para outras coisas, só por vezes se centrava na cidade.

Se agora imaginar um tempo contigo “em volta de Lisboa” é apenas como instrumento de trabalho, porque preciso de organização e de algum método. Mas sei que esse tempo nunca existiu assim, é agora que o invento reunindo fragmentos soltos, de modo a formarem um só bloco na memória.

A Cidade de Ulisses. O nome parecia-nos irrecusável. Havia pelo menos dois mil anos que surgira a lenda de que fora Ulisses a fundar Lisboa. Não se podia ignorá-la, como se nunca tivesse existido.

Havia aliás vinte e nove séculos que o rasto de Ulisses andava no imaginário europeu, a civilização helénica foi o berço da Europa, e ao lado da Bíblia judaico-cristã a *Odisseia* (muito mais que a *Iliada*) foi, ao longo dos séculos, o outro grande livro da civilização ocidental. Tal como há uma “vulgata” bíblica há também uma “vulgata” homérica, e, num caso e noutro, uma série de histórias fora das “vulgatas” circularam em torno das personagens.

Segundo a lenda Ulisses dera a Lisboa o seu nome, *Ulisseeum*, transformado depois em *Olisipo* através de uma etimologia improvável.

O que dava à cidade um estatuto singular, uma cidade real criada pela personagem de um livro, contaminada portanto pela literatura, pelo mundo da ficção e das histórias contadas.

Joyce partira do nada para escrever o *Ulysses*, Dublin estava completamente fora da rota imaginária da personagem de Homero.

Lisboa, pelo contrário, estava historicamente ligada à Grécia, às rotas marítimas e comerciais dos gregos. (Existem, ainda hoje, numerosos vestígios e peças de cerâmicas gregas em Almaraz, perto de Lisboa, além de noutros lugares, como Aveiro, Alcácer do Sal e Algarve.)

Sobre a relação de Ulisses com Lisboa não tínhamos portanto que inventar nada, já tudo tinha sido inventado havia mil anos, e essa história, porque tinha pés para andar, continuara a andar pelos séculos fora.

Que marcas do mito se encontravam ainda em Lisboa?

Na verdade, algumas: no castelo de São Jorge a Torre de Ulisses, que já foi Torre do Tombo, onde escreveram Fernão Lopes e Damião de Góis; na Rua do Carmo a Luvária Ulisses, sofisticada e pequeníssima, do tamanho de uma caixa de lenços; no Largo da Misericórdia a livraria Olisipo; a Ulisseia Filmes; a editora Ulisseia; e Fernando Pessoa fundara a editora Ulissipo, onde publicara o primeiro volume dos seus poemas ingleses, as *Canções* de António Botto e *Sodoma Revisitada* de Raul Leal, e logo depois falira. Não haveria talvez muitas mais memórias, pelo menos agora não estávamos a ver outras, mas registávamos pelo menos estas.

Entretanto Lisboa não guardara uma única marca de Caio Júlio César, como se ele, o grande divo imperial, nunca aqui tivesse estado, em augustíssima pessoa, no primeiro século da nossa era. Como

se não tivesse amado a cidade, onde foi certamente feliz, ao ponto de a rebatizar com o seu nome e chamar-lhe, em sua honra, *Olisipo Felicitas Julia*.

Lisboa esqueceu Júlio César e esses nomes de *Felicitas Julia*, mas não esqueceu Ulisses. Que obviamente nunca aqui esteve, desde logo porque nunca existiu. A sua inexistência era aliás tão forte que parecia até contaminar o autor do livro que, segundo alguns, também nunca existira, tinha sido outro ou outros a escrever a história.

Provavelmente foram os Fenícios que fundaram Lisboa, quando aqui chegaram, pelo menos meio milénio antes de Cristo, para comerciar com a população ibérica nativa. No entanto o mito foi para os romanos mais sedutor que a História: ligar Lisboa a Ulisses era fazer esquecer os Cartagineses (descendentes dos Fenícios, no Norte de África) que tinham tido o atrevimento de derrotar os romanos nas guerras púnicas e tinham estado antes deles em Lisboa. Prestigiava-se além disso com a aura da cultura grega uma cidade que tinha o mesmo estatuto de município das grandes cidades do império.

Os Romanos tinham portanto interesse em espalhar o mito, que apoiavam nos numerosos vestígios da chegada até aqui da civilização helénica. Era fácil ligar esses vestígios a Ulisses, e efabular sobre uma Lisboa grega, anterior à romana, que começou em 138 a. C., de que existem numerosas ruínas e algumas se podem visitar até hoje.

A Lisboa de Ulisses não era portanto invenção dos nossos renascentistas, que retomaram o mito numa época em que a Antiguidade se tornara modelo e moda, muito menos era invenção nossa. Não tínhamos culpa de que por exemplo Estrabão tivesse escrito no século I na Geografia que Lisboa se chamava *Ulisseum* por ter sido fundada por Ulisses, que Solino e outros repetissem Estrabão, que Asclepiades de Mirleia escrevesse que em Lisboa, num templo de Minerva, se encontravam suspensos escudos, festões e esporões de navios, em memória das errâncias de Ulisses, que Santo Isidoro de Sevilha afirmasse no século VII que “*Olissipona* foi fundada e denominada por Ulisses, no qual lugar se dividem o céu e a terra, os mares e as terras”.

Era apenas um mito, portanto mentira, mas pelos vistos até os santos mentiam, e santo Isidoro não deixara por isso de ser santo. Ninguém portanto nos pedisse contas pelas palavras que chegavam até nós, vindas de tantas e tão ilustres bocas.

Sorríamos de coisas dessas. Que nos vieram à ideia de novo em Tróia, a península pequena e estreita onde chegámos uma manhã, na intenção de passar o dia na praia, depois de uma breve travessia no *ferry-boat* apanhado em Setúbal. A dois passos de Lisboa, Tróia parecia vir, pelo seu pé, juntar-se ao mito. Havia desde logo aquele nome inexplicável, Tróia, cuja origem se desconhecia. Claro que fora também Ulisses a chamar-lhe assim, ironizámos, sabendo que muitos outros tinham pensado isso antes de nós. Tróia, em memória da outra, de cuja guerra voltava.

Era fácil imaginar coisas dessas, numa praia quase deserta, num dia de abril de sol e sem vento.

Desenhámos com um graveto na areia molhada a viagem de Ulisses: navegara pelo Mediterrâneo, ultrapassando o estreito de Gibraltar (Colunas de Hércules, diziam os antigos), contornando um pedaço do sul da Ibéria, passando pelo que depois seria o Algarve. Subiria ao longo da costa, talvez aportasse no que depois seria Alcácer do Sal ou logo a seguir no porto de Setúbal, chegaria a Lisboa, entraria a barra, subiria o rio desde a foz até ao Mar da Palha, onde o rio ainda salgado se espria como um pequeno mar interior, que lhe lembraria o Mediterrâneo. E antes ou depois (mas provavelmente antes) de dar a esse lugar aprazível o seu nome, *Ulisseum*, teria navegado diante de Setúbal até Tróia, que então, na ausência do posterior assoreamento, ainda seria uma ilha.

Podíamos imaginar Ulisses explorando por terra a região de Lisboa, chegando a Sintra, indo até ao Cabo da Roca (Ofiúsa para os Antigos) no extremo mais ocidental da Europa, e a partir daí olhando o Atlântico. Tinha chegado ao fim do mundo.